

Coimbra, 1 de abril de 2019

Exms. Srs.,

Assunto: Esclarecimento público sobre a reportagem “Pais pressionam médicos para receitar calmantes”, publicado no Jornal de Notícias de 31 de março de 2019, e o artigo da Sábado “Vendas de comprimidos para a hiperatividade de crianças volta a aumentar” que cita o artigo do Jornal de Notícias.

Os órgãos de comunicação social têm o papel crucial de informar a população sobre temas socialmente relevantes.

De forma recorrente, a Perturbação de Hiperatividade e Déficit de Atenção (PHDA) tem sido objeto de notícias e reportagens, de que são exemplo recente o artigo “Pais pressionam médicos para receitar calmantes”, publicado no Jornal de Notícias de 31 de março de 2019 e o artigo da página on-line da revista Sábado “Vendas de comprimidos para a hiperatividade de crianças volta a aumentar” que cita o artigo do Jornal de Notícias. A SPDA - Sociedade Portuguesa de Déficit de Atenção, enquanto associação científica de profissionais, que integra um amplo espectro de especialistas e investigadores com interesse em desenvolver a atividade na área, entende dever prestar esclarecimentos sobre o tema já que as notícias em causa prestam incorreções científicas que exigem ser, quanto antes, retificadas publicamente.

Entre as principais incorreções e preconceitos, alguns bem presentes nestes artigos, relembramos os mais usados:

- A PHDA é um problema benigno, uma variante do normal;
- Não existe PHDA, existem é crianças mal educadas e pais distraídos;
- A PHDA resulta de incapacidades das famílias e de outros problemas ambientais;
- A PHDA é um problema de força de vontade. Se a criança fizer um esforço, resolve o problema;
- A PHDA é excessivamente diagnosticada e medicada no nosso País;
- Há má prática na medicina que diagnostica crianças normais só para as medicar e eventualmente ter lucros com essa situação;
- Há muita PHDA porque faltam psicólogos nas escolas. Se houvesse o número suficiente destes profissionais resolvia-se o problema e evitava-se o uso de medicação;
- A intervenção não farmacológica (psicológica e educativa, para não falar na hipnose, no Reiki, nas dietas e numa série de outras que nem vale a pena mencionar) é tão eficaz como a medicação;
- A Ritalina [o metilfenidato] é um calmante e atua tornando as crianças “zombies”;
- A medicação tem efeitos secundários terríveis a longo prazo e destrói os cérebros das crianças.

Todos estes mitos foram abordados nas reações ao segmento noticioso “Comprimido da inteligência duplica entre jovens alunos”, uma reportagem publicada no Jornal de Notícias de 19 de fevereiro de 2017, e ao artigo de opinião “Hiperatividade e Déficit de Atenção – o problema estará nas crianças?” da autoria a vice-presidente da Ordem dos Psicólogos, publicado no jornal on-line Observador a 22 de abril de 2017, que remetemos [em anexo](#).

Somos ainda a esclarecer o seguinte:

1. Apesar da extensa investigação genética, neurológica, imagiológica, neuropsicológica e empírica, a PHDA continua a ser alvo duma série de preconceitos, não só por parte da população em geral, mas também de alguns grupos profissionais, muitos deles carregados de incorreções e sensacionalismo.
2. O impacto negativo que a difusão deste tipo de informação, sem qualquer base científica, provoca a crianças, jovens e adultos com PHDA e suas famílias é brutal e um entrave ao diagnóstico e tratamento atempado desta patologia, aliás, contribui em muito para o aumento do estigma a ela associado.
3. A PHDA é a perturbação do neurodesenvolvimento mais prevalente na criança de idade escolar mas manifesta-se ao longo de todo o ciclo de vida. Segundo os estudos epidemiológicos internacionais, 5-7% da população em idade escolar e 2,5-3% da população adulta. Os dados sobre o consumo de metilfenidato em Portugal apontam para percentagens de cerca de 1,7% de crianças medicadas. Este número é muito inferior ao que se verifica na maior parte dos países ocidentais.
4. O estereótipo da PHDA é apresentado como sendo a criança insuportável, irrequieta, impulsiva e mal comportada, sem regras, sem limites e sem força de vontade. O paradigma atual modificou-se completamente e é representado pelo indivíduo, criança, jovem ou adulto, do sexo masculino ou feminino, que apresenta dificuldades crónicas em concentrar-se, iniciar tarefas, usar as funções executivas e modelar de forma adequada as suas emoções.
5. Estas dificuldades afetam grande parte das atividades da vida diária e são mais graves e frequentes do que as verificáveis em indivíduos com idade e desenvolvimento semelhantes.

Por fim, informo a comunicação social e os verdadeiramente interessados no tema, que entre os dias 25 e 28 de abril, terá lugar em Lisboa o 7º Congresso Mundial de PHDA, que reunirá em Lisboa os principais investigadores e peritos a nível mundial.

Neste evento, e porque queremos que as famílias e os portadores sejam os primeiros a ser devidamente informados, em colaboração com a Local Organizing Committee do congresso, organizámos o "Dia do Paciente PHDA", no domingo 28 de abril, de inscrição totalmente gratuita mas obrigatória (www.spda.pt), em que o tema será abordado por um significativo painel de peritos nacionais e internacionais, disponíveis para responder a todas as dúvidas levantadas.

A Direção da SPDA - Sociedade Portuguesa de Défice de Atenção

Contactos:

José Boavida (Presidente da Direção da SPDA - Sociedade Portuguesa de Défice de Atenção)
e-mail: jeboavida@spda.pt

SPDA - Sociedade Portuguesa de Défice de Atenção
website: www.spda.pt
e-mail: geral@spda.pt
tlf: 963 010 262